

Reajustes salariais superaram por pouco a inflação em 2017

Por *Thais Carrança*

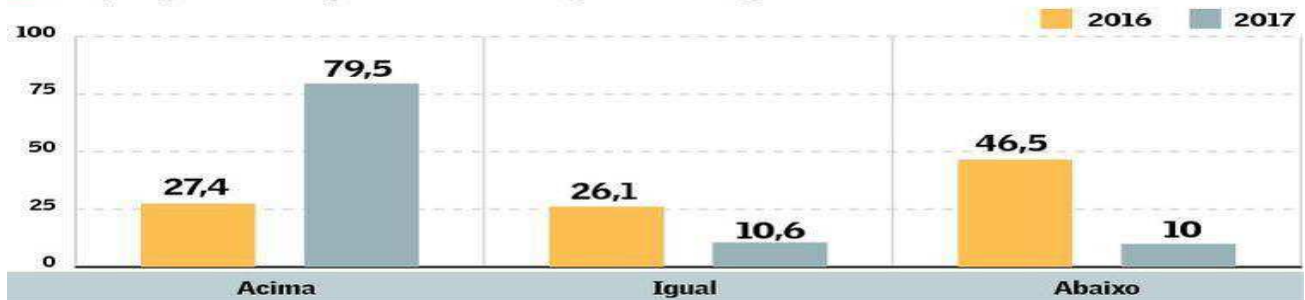
A grande maioria das negociações salariais bateu a inflação em 2017, revertendo tendência registrada no ano anterior. Os reajustes foram pouco dispersos, com ganhos reais pequenos para os trabalhadores, numa situação que promete se repetir em 2018.

No ano passado, 79,5% das negociações salariais resultaram em reajustes acima do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), índice que mede a inflação para famílias com renda até cinco salários mínimos e é referência para os reajustes salariais. Em 2016, essa proporção havia sido de 27,4%.

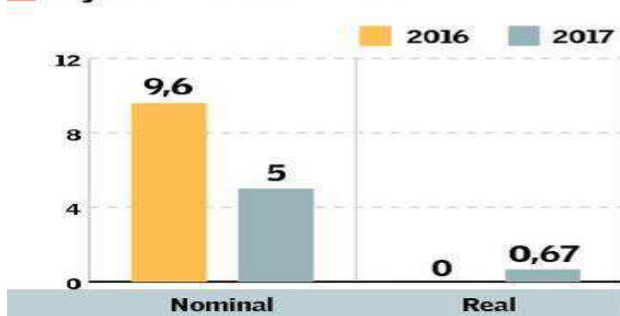
Balanço positivo

Apenas 10% dos reajustes ficaram abaixo da inflação em 2017

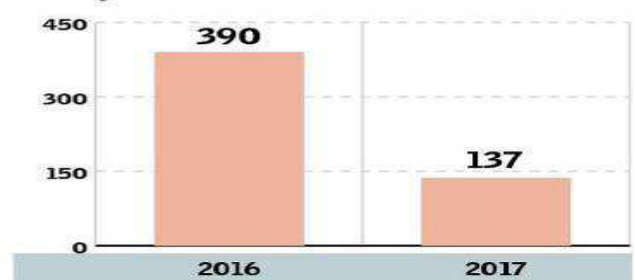
Proporção de reajustes em relação à inflação* – em %



Reajuste mediano – em %



Acordos com redução de jornada e salário



Fonte: Salariômetro, Fipe-USP. * Medida pelo INPC-IBGE

INFORME

As correções abaixo da inflação caíram de 46,5% a apenas 10% na passagem de 2016 para 2017, segundo dados do boletim Salariômetro, da Fipe.

"As negociações salariais em 2017 foram muito positivas, considerando que ainda é um ano de baixa atividade econômica e de alto desemprego", diz Hélio Zylberstajn, professor da FEA-USP e coordenador do Salariômetro.

O resultado favorável, segundo ele, se deve basicamente à queda abrupta da inflação no ano passado. O INPC fechou 2017 com variação de 2,07%, contra 6,58% em 2016, no menor avanço anual desde o início da série histórica do indicador, em 1994.

O reajuste nominal mediano dos salários foi de 5% em 2017, abaixo dos 9,6% de 2016, refletindo a queda da inflação. Já o ganho real mediano ficou em 0,67% no ano passado, comparado a estabilidade (0,0%) em 2016.

O recuo da inflação levou os reajustes reais a se tornarem mais concentrados, com o intervalo de dispersão em 2017 ficando entre 0% e 2,72%, comparado a intervalo de -4,62% a 0,19% no ano anterior. "Como a inflação caiu muito, não puderam haver grandes aumentos, porque eles fugiriam muito da inflação", observa Zylberstajn. "Num cenário de muita estabilidade dos preços, há uma concentração dos reajustes em torno da inflação, ligeiramente acima", completa.

Diante da expectativa do mercado de uma inflação ainda bem comportada para 2018 - com o INPC projetado em 4,04%, conforme a mediana Focus - a tendência de reajustes reais pouco dispersos e pouco acima da inflação deverá se repetir este ano, prevê o professor, com ganho real máximo de 1% a 1,5%. Os reajustes nominais, por sua vez, devem crescer lentamente, acompanhando a pequena aceleração esperada da taxa de inflação.

Os acordos com redução de jornada e salário devem ficar no passado. Foram 390 em 2016, caindo a 137 em 2017, recuo de 65%. A prática, que se tornou recorrente nos auge da recessão, praticamente desapareceu nos últimos meses do ano passado: foram três acordos com redução de jornada e salário em novembro e apenas um em dezembro. "Na medida em que vamos retomar o crescimento, as empresas devem abandonar essa prática. O número já foi muito pequeno em 2017 e este ano tende a ser menor ainda", diz Zylberstajn.

No mês de dezembro, pouco usado como data-base pelas categorias profissionais, foram fechadas 43 negociações salariais, contra 320 acordos e convenções em novembro (os números posteriormente são revisados para incluir dados enviados com atraso). No último

INFORME

mês do ano, 86% dos reajustes ficaram acima da inflação, acima dos 69,7% de novembro. Os reajustes abaixo da inflação subiram de 4,4% para 11,6% e aqueles iguais ao INPC caíram de 25,9% a 2,3% na passagem de novembro a dezembro.

O reajuste nominal mediano foi de 3% em dezembro, ligeiramente acima dos 2,5% de novembro. Já o ganho real mediano ficou em 1% no último mês do ano, contra 0,7% em novembro.

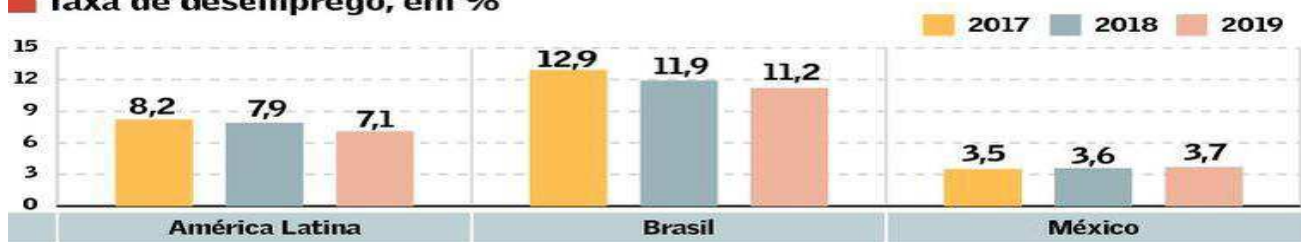
OIT destaca queda no desemprego

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) prevê queda significativa na taxa de desemprego no Brasil pela primeira vez desde 2014, com a recuperação da maior economia da América Latina. Em relatório sobre as "Perspectivas do Emprego e Questões Sociais", a agência da ONU estima que a taxa no Brasil deve cair para 11,9% em 2018, ante 12,9% em 2017. Significa que o número de desempregados no país deve cair de 13,4 milhões para 12,5 milhões.

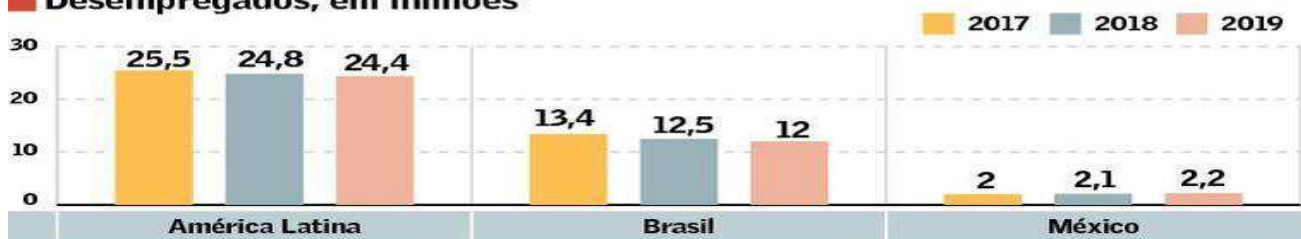
Perspectiva para o emprego

Brasil lidera recuperação na América Latina

Taxa de desemprego, em %



Desempregados, em milhões



Fonte: Relatório da OIT sobre Perspectivas do Emprego/2018

Na sua projeção, a OIT estima crescimento de 1,5% do PIB no Brasil este ano, bem modesto comparado à taxa de 3% que o mercado utiliza atualmente. "A recessão no Brasil

INFORME

foi tão forte que o país tem uma enorme capacidade para recuperar e a volta da demanda melhora a situação do mercado de trabalho", diz Stefan Kuhn, principal autor do relatório.

Para 2019, a taxa de desemprego no país deve prosseguir sua queda para 11,2%, reduzindo o contingente de pessoas sem trabalho para 12 milhões. Mas será ainda quase o dobro dos 6,7 milhões desempregados em 2014. Ou seja, o mercado de trabalho brasileiro dentro de dois anos ainda estará longe de recuperar as perdas sofridas durante a pior recessão dos últimos tempos.

A incidência de emprego informal, sem proteção social, continua sendo importante também entre empresas formais no Brasil, segundo a entidade. A taxa do trabalho informal no emprego total no Brasil é estimado em 46%, comparado a 58% na média na América Latina.

Na região, a economia voltará a crescer graças principalmente à melhora esperada no Brasil. Nesse cenário, a taxa de desemprego deve cair também na Argentina e Costa Rica, mas menos que no Brasil. Mas poderá subir um pouco no México, para 3,6%, um terço da taxa brasileira, assim como na Colômbia, Chile e Equador.

O relatório foi divulgado na véspera do Fórum Econômico Mundial, onde uma pesquisa feita com especialistas aponta como principal risco para fazer negócios em 2018 justamente o desemprego e subemprego, vistos como "problema corrosivo" em vários países.

A OIT é incisiva: a economia mundial ainda não está criando um número suficiente de empregos. A economia global se recupera mas, com a expansão da força de trabalho, o desemprego deve permanecer no nível similar do ano passado, atingindo mais de 192 milhões de pessoas. A economia internacional crescerá em 2018 mais do que em 2017 principalmente pelo forte desempenho dos mercados de trabalho nos países desenvolvidos e em certa medida nos emergentes, segundo a agência da ONU.

Mas o emprego vulnerável está em alta globalmente, atingindo 1,4 bilhão de pessoas. "Há mais pessoas trabalhando, mas ainda assim vivendo em situação de extrema pobreza", diz Kuhn. Nos países em desenvolvimento o progresso na redução da pobreza é muito lento, em meio à expansão da força de trabalho. A participação das mulheres continua abaixo daquela dos homens, obtendo empregos menos qualificados e salários inferiores.

No exame de mudanças na composição setorial do emprego, a OIT nota que a área de serviços será o principal motor do futuro crescimento do emprego. Já os postos de trabalho na agricultura e indústria continuam a declinar.

INFORME

Frigoríficos se recuperam e voltam a gerar empregos

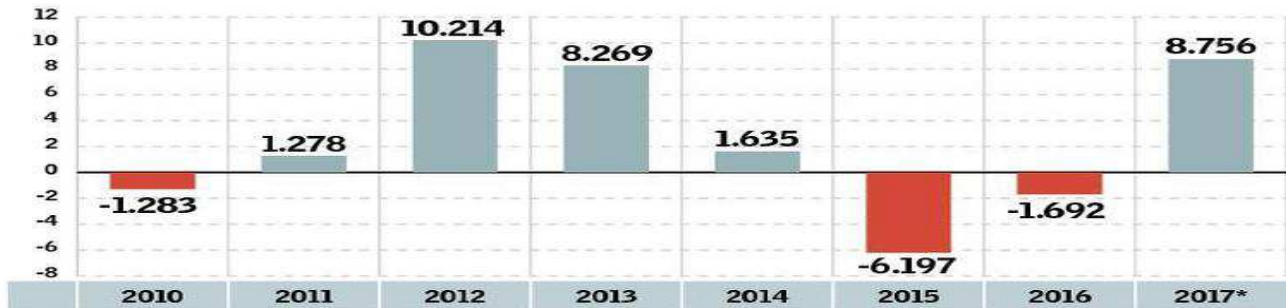
Por Luiz Henrique Mendes

Há alguns anos, os moradores da Juruena, no norte de Mato Grosso, sofrem com as parcas alternativas de emprego. Como é comum em cidades de menor porte, a prefeitura representa mais da metade das vagas formais, e as atividades do setor privado são escassas. Mas a situação começou a mudar recentemente com o anúncio do arrendamento e reabertura de frigorífico no município pelo Frigol.

"A cidade está toda animada", relata o ex-prefeito Bernardo Crozetta, hoje à frente da Secretaria de Desenvolvimento de Juruena. Se tudo correr como o esperado na emissão das licenças ambientais, o município ganhará em torno de 450 empregos em fevereiro, o equivalente a quase 50% do total de vagas até então existentes da cidade - isso sem contar empregos indiretos.

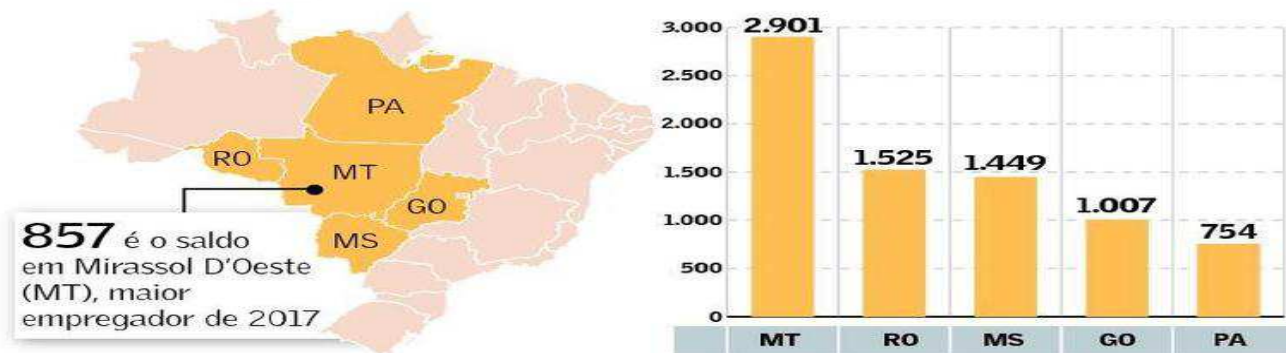
Mão de obra intensiva

Saldo de empregos nos frigoríficos de bovinos



Campeões em novos empregos

Saldo de empregos no setor por Estado



Fonte: Caged *Dados regulares até novembro e declaração fora do prazo até outubro

INFORME

Assim como Juruena, outros rincões do país passam por um movimento semelhante.

Após as turbulências de 2015 e 2016, período no qual a restrição de boi gordo e a recessão da economia provocaram o fechamento de mais de 50 frigoríficos e a demissão de 7,9 mil pessoas, a indústria de carne bovina parece ter entrado em nova fase, embalada pela inversão do ciclo da pecuária e pela retomada da economia.

Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) compilados pelo Valor, o saldo de empregos nos abatedouros de bovinos do país ficou positivo em 8,7 mil vagas entre janeiro e novembro - o dado de dezembro ainda não foi divulgado.

Trata-se do melhor desempenho desde 2012, quando os frigoríficos geraram 10,2 mil vagas. Dono do maior rebanho do Brasil, Mato Grosso lidera o movimento, seguido por Rondônia, Mato Grosso do Sul, Goiás e Pará (ver infográfico).

As vagas criadas no último ano representam um crescimento de 7,5% ante com o estoque de 113,1 mil empregados em abatedouros de bovinos em dezembro de 2016, de acordo com os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho.

A tendência é que o saldo de empregos do setor cresça ainda mais, incluindo unidades que serão reabertas neste ano pelo Frigol em Juruena, pela Marfrig em Pontes e Lacerda e pelo Frigoestrela em Rondonópolis, ambos em Mato Grosso.

Aos dados também devem ser acrescidos o frigorífico do Rodopa em Cachoeira Alta (GO), que foi arrendado pelo Frigol e voltou a funcionar em dezembro, gerando 380 vagas, segundo o presidente da empresa paulista, Luciano Pascon.

"A nossa cidade é muito dependente de frigorífico", reconhece o prefeito da goiana Cachoeira Alta, Kelson Vilarinho (PSD), que já observa uma recuperação do município de 12 mil habitantes. "A cidade está movimentada. Veio muita gente de fora e o comércio melhorou", acrescenta o prefeito.

A avaliação de autoridades de outras cidades ouvidas pelo Valor é semelhante. "O impacto foi excelente porque antes a cidade estava parada.

O comércio apareceu", diz Pedro Henrique Gomes, chefe de gabinete do prefeito de Mirassol D'Oeste (MT).

Devido à reabertura da unidade da Minerva Foods, o município liderou o saldo positivo de empregos no setor em 2017.

INFORME

Ao todo, foram 857 vagas, o que representa mais de 15% do empregos formais de Mirassol, que tem 26 mil habitantes.

Também em Nova Xavantina, na região nordeste de Mato Grosso, a retomada das operações da unidade da Marfrig significou uma mudança de grandes proporções para o município.

"Hoje, o frigorífico é o maior gerador de empregos", diz o prefeito João Batista da Silva (PSD). Até meados do ano, quando a planta estava fechada, a prefeitura era a maior empregadora, segundo Silva.

De acordo com os dados do Caged, o saldo de empregos nos abatedouros de bovinos de Nova Xavantina ficou positivo em 635 vagas - 19,7% dos empregos formais.

Além da conjuntura econômica favorável e da maior oferta de bois, o ressurgimento de frigoríficos reflete o rearranjo provocado pela delação premiada dos irmãos Batista, donos da JBS.

Ao longo do último ano, a empresa entregou três frigoríficos em Mato Grosso que estavam alugados e fechados há alguns anos.

Entre as plantas estavam as de Juruena e Pontes e Lacerda - que agora serão reabertas.

"Com essa saída da JBS, você traz um novo cenário a essas regiões", avalia o pesquisador do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), vinculado à Escola de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), Thiago Bernardino de Carvalho.

Para ele, a concentração do setor restringia as alternativas aos pecuaristas do país.

No Mato Grosso, a JBS chegou a ter mais de 50% da capacidade de abate - incluindo unidades abertas e fechadas -, conforme o relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Frigoríficos da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, concluído em 2017.

Conforme o pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso (UMFT), Ernani Pinto de Souza, a maior concorrência no setor é positiva, mas exige competência dos novos entrantes. "A JBS está tentando retomar a credibilidade", diz.

(Fonte: Valor Econômico – 23/01/2018)

Brasil perdeu 328,5 mil vagas formais de emprego em dezembro de 2017

Esse foi o pior desempenho do mercado de trabalho formal em todo o ano de 2017, que terminou com fechamento de 28,8 mil postos com carteira assinada

Fernando Nakagawa, O Estado de S.Paulo

BRASÍLIA - A economia brasileira perdeu 328,5 mil vagas de emprego formais em dezembro. Esse foi o pior desempenho do mercado de trabalho formal em todo o ano de 2017, que terminou com fechamento de 28,8 mil postos com carteira assinada.

Os dados foram divulgados no fim da tarde desta segunda-feira, 22, pela *Folha de S. Paulo* e confirmados pelo *Estadão/Broadcast*.

O número indica que, apesar da festa do governo pelo início da recuperação do mercado de trabalho, o emprego resiste e demora a melhorar. Ainda que o dado preliminar de dezembro seja melhor que o visto um ano antes - no mesmo mês de 2016, o Brasil perdeu 478,1 mil empregos - a reação ainda não é suficiente para impor a guinada no mercado de trabalho.

Assim, o número de empregos formais caiu pelo terceiro ano seguido em 2017. Nesses três anos de destruição de postos de trabalho, o Brasil perdeu 2,89 milhões de empregos com carteira assinada.

Segundo uma fonte ligada ao Ministério, o dado é preliminar e pode mudar ligeiramente nos últimos dias, já que o indicador de dezembro ainda não teria sido oficialmente fechado. Pela programação original do Ministério do Trabalho, o Caged de dezembro deveria ser anunciado no fim desta semana - provavelmente na quinta ou sexta-feira.

O número ruim surge em meio a uma luta jurídica que envolve o governo Michel Temer e o Ministério do Trabalho. O Palácio do Planalto tenta dar posse a Cristiane Brasil como ministra no lugar de Ronaldo Nogueira que deixou o cargo no fim de dezembro em uma renúncia que surpreendeu muita gente.

O último revés do governo foi dado pela ministra Cármen Lucia que suspendeu a posse da ministra programada para esta segunda-feira.

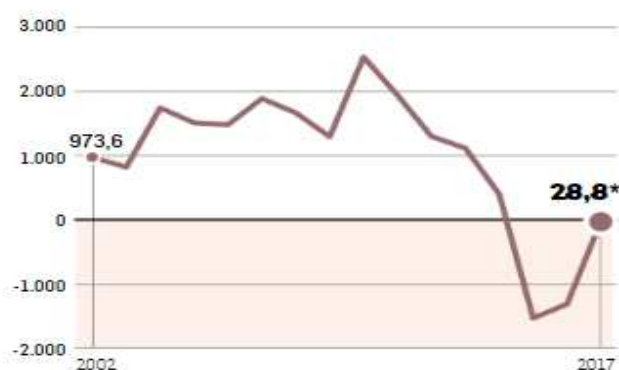
INFORME

Vagas cortadas

Pelo terceiro ano seguido, Brasil fecha mais vagas do que abre em 2017

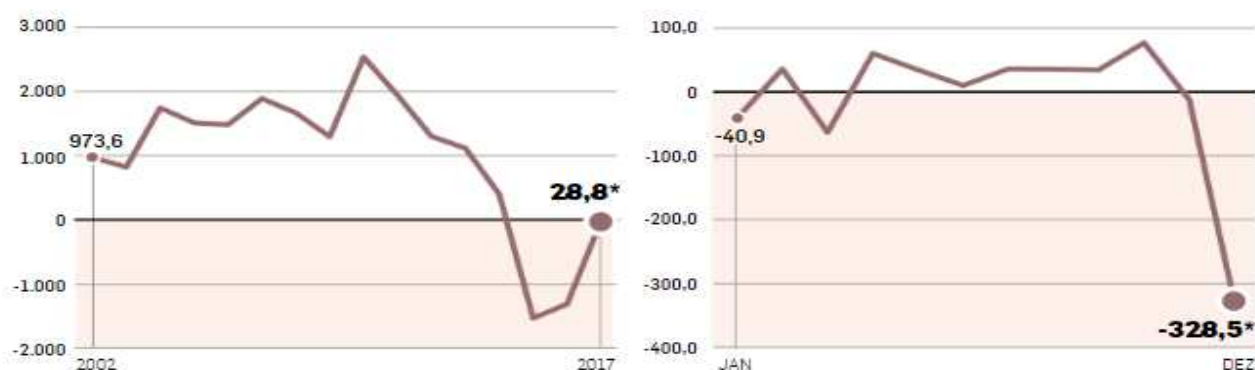
Ano a ano

SALDO LÍQUIDO DE EMPREGOS EM MILHARES



Em 2017

SALDO LÍQUIDO DE EMPREGOS EM MILHARES



*Números preliminares

Fonte: Ministério do Trabalho

ESTADÃO

Nos últimos meses, o governo adotou tom bastante otimista sobre a reação do mercado de trabalho. No discurso de fim de ano do presidente Michel Temer, o tema foi citado como motivo de comemoração. “Nos últimos meses, mais de 1 milhão de novos postos de trabalho foram criados. Sabemos que o desemprego ainda é grande, mas esses números demonstram que estamos no caminho certo”, disse no discurso transmitido na noite de Natal.

Procurado, o Ministério do Trabalho não confirmou os dados e informou que não se pronunciaria sobre o tema.

Número de desempregados no Brasil cairá em 1,4 milhão até 2019, prevê OIT

Depois de 'década perdida', mundo volta a ver taxa de desemprego nos níveis anteriores à quebra do Lehman Brothers, em 2008

Jamil Chade, O Estado de S.Paulo

GENEBRA – O desemprego no Brasil deve sofrer uma queda “significativa” pela primeira vez desde 2014. A constatação é da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que, 9

INFORME

nesta segunda-feira, 22, apresenta suas novas projeções para o mercado de trabalho no mundo. De um total de 13,4 milhões de desempregados em 2017 no País, o número será reduzido para 12,5 milhões de pessoas em 2018 e 12 milhões no ano que vem.

Em números absolutos, a queda do desemprego no Brasil é a maior do mundo. Mas os dados revelam também que um número cada vez maior de brasileiros atua em empregos vulneráveis, com limitadas garantias trabalhistas. Além disso, a redução continua a deixar a economia brasileira com uma taxa de desempregados duas vezes maior que a média mundial e dos emergentes.

De uma taxa de 12,9% de desemprego em 2017, o índice deve cair para 11,9% em 2018. Para 2019, a taxa ainda registraria uma nova redução, para 11,2%.

A melhoria no caso brasileiro está ligada diretamente ao desemprego da economia nacional. Usando ainda dados desatualizados, a OIT aponta para a expansão do PIB nacional de 0,7% em 2017 e um crescimento de pelo menos 1,5% em 2018. No Banco Central, pesquisa feita com analistas do mercado financeiro mostra que a taxa pode ser de 2,70%.

Respondendo ao Estado, o diretor-geral da OIT, Guy Ryder, admite que os dados brasileiros mostram que “a direção é boa”. “Mas o caminho é ainda muito longo. Não estamos ainda onde queremos estar”, disse. “As taxas de desemprego no Brasil ainda são altas demais”, insistiu. Para ele, voltar às taxas de 2014 de 6,7 milhões de desempregados “levará mais tempo do que as pessoas desejam”.

Ryder também deixou claro que, nos próximos dois anos, as incertezas sobre o Brasil também podem pesar de forma negativa. “O Brasil tem desafios como a reforma trabalhista e questões políticas. As incertezas que rondam essas questões podem gerar um impacto na recuperação do País. Queremos um Brasil forte”, disse.

Segundo ele, a OIT tem olhado “de forma cuidadosa” para a proposta de reforma trabalhista no Brasil e alerta que, nas próximas semanas, os órgãos da entidade internacional irão dar sua opinião formal sobre a queixa que sindicatos fizeram contra as medidas sugeridas pelo governo. “Isso está sob consideração”, disse.

Os dados brasileiros de criação de postos de trabalho também são acompanhados por um número cada vez maior de pessoas no País atuando em empregos vulneráveis. Em 2016, existiam 25,1 milhões de brasileiros nessa situação. Em 2019, eles serão 26,2 milhões.

Recuperação. No mundo, a taxa de desemprego registrou uma estabilização em 2017, ainda que a vulnerabilidade de milhões de trabalhadores também aumentou e os

INFORME

empregos não tenham a mesma qualidade ou renda. Depois de uma alta em 2016, o desemprego no mundo ficou em 5,6% em 2017, com 192 milhões de pessoas afetadas. Para 2018, a taxa deve registrar uma pequena melhoria, com 5,5%.

Se a queda de 2018 se confirmar, o ano será o primeiro a registrar uma taxa de desemprego inferior a de 2008, quando a quebra do Lehman Brothers jogou a economia mundial em sua pior crise em sete décadas. “O ano de 2018 é um ponto de virada, com taxas de desemprego caindo para 5,5%”, apontou a OIT.

Parte da estabilização do emprego se dá por conta do maior crescimento da economia mundial, com uma taxa de 3,6% em 2017, 0,2% acima do que se projetava inicialmente. O ano passado foi, de fato, o primeiro a ver um resultado melhor do que a projeção, pela primeira vez desde 2010. Nos países ricos, a expansão do PIB de 1,6% em 2016 foi elevada para 2,1% em 2017. Para 2018, a projeção é de um crescimento da economia mundial de 3,7%, com um novo fortalecimento em 2019.

Para o Fórum Econômico de Davos, nesta semana, Ryder irá levar aos líderes internacionais uma mensagem clara. “Sim, a economia está crescendo. Mas os níveis do desemprego são muito elevados e a questão de distribuição precisa ser avaliada”, insistiu. “A crise que começou em 2008 teve um impacto profundo”, disse, apontando para o desafio da desigualdade social.

Nos países ricos, os dados revelam que a crise financeira que eclodiu em 2008 causou um impacto durante toda uma década. Agora, com uma recuperação econômica clara, a previsão nas economias desenvolvidas é de que, finalmente, as taxas de desemprego estarão no menor nível desde 2007, com 5,5%.

Na América do Norte, a previsão é de 4,5%, enquanto a Europa deve registrar 8,5%, a menor taxa desde 2008, quando eclodiu a crise econômica mundial. Espanha, com 15%, e Grécia, com 19%, continuam sendo os índices mais altos de todo o continente.

Se os países ricos entram no sexto ano consecutivo de queda de desemprego, os emergentes vivem uma situação diferente. Entre 2014 e 2017, o que se registrou uma alta na taxa, causada pela queda nos preços de commodities e seus efeitos no Brasil e Rússia.

Contribuiu o fato de que Brasil e Rússia terem superado suas recessões, permitindo que os emergentes tivessem um crescimento médio de suas economias de 4,9%. Na prática, porém, o desemprego nos emergentes aumentará em 400 mil pessoas em 2018 e 1,2 milhão em 2019.

INFORME

Pobreza. Um dos desafios, porém, se refere ainda à renda daqueles que tem trabalho.

Segundo a OIT, 300 milhões de pessoas ainda ganham menos de US\$ 1,90 por dia.

A taxa vem sofrendo uma queda e representa hoje 11,2% dos trabalhadores em países emergentes. Se a conta incluir aqueles que ganham apenas US\$ 3,10 por dia, esses trabalhadores somam 700 milhões de pessoas.

O que preocupa a OIT é que o ritmo de melhoria da situação dessas pessoas foi freado e que não há um avanço real desde 2012.

Para 2018, um a cada três trabalhadores em países emergentes continua a viver na extrema pobreza. “Ainda que o desemprego global se estabilizou, os deficits no mercado de trabalho continuam generalizados”, disse Ryder.

“A economia global ainda não está criando empregos em números suficientes e medidas precisam ser implementadas para que a pobreza entre os trabalhadores seja reduzida”, afirmou.

Em termos de empregos vulneráveis, eles atingem 1,4 bilhão de pessoas. Nos países emergentes, essa realidade atinge 75% dos trabalhadores. Até 2019, mais 35 milhões de pessoas também serão afetadas.

Governos negociarão acordo para estabelecer punições em casos de violência no trabalho

Oficialmente, convenção da OIT tratará da violência no trabalho, mas o abuso nos locais de trabalho e o problema de assédio contra mulheres estarão pela primeira vez incluídos.

Jamil Chade, correspondente, O Estado de S.Paulo

GENEBRA - Governos de todo o mundo negociarão uma nova convenção internacional para estabelecer regras de punição sobre a violência no trabalho, além de obrigações para estados e empregadores diante de denúncias.

Em meio ao debate sobre o assédio que mulheres em diferentes setores vem enfrentando, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que um novo tratado poderá estar concluído em 2019.

INFORME

Oficialmente, a convenção tratará da violência no trabalho, o que irá incluir todos os tipos de agressões contra qualquer empregado. Mas o abuso nos locais de trabalho e o problema de assédio contra mulheres estarão pela primeira vez incluídos.

O anúncio foi feito nesta segunda-feira pelo diretor-geral da OIT, Guy Ryder. O tratado deve estar finalizado para comemorar os cem anos da entidade. "Teremos um forte conteúdo de gênero (na convenção)", explicou.

Ainda que o assunto estivesse na agenda da OIT e dos governos por anos, não havia um acordo entre os participantes se um novo tratado tornando essas leis obrigatórias era a melhor forma de garantir a proteção aos trabalhadores.

No cenário internacional, existem convenções que são apenas cartas de intenção, enquanto outros são obrigações legais que um governo assume quando ratifica o mecanismo.

Mas, diante de uma pressão internacional cada vez maior, o Comitê Executivo da OIT optou por iniciar o processo para negociar um tratado que tenha poder de lei. "Essa é a primeira vez que se tentará tratar do tema de uma forma legal e isso é muito importante", afirmou Ryder, que admite que não entende como o assunto passou tantos anos sem ser lidado de uma forma concreta.

"Foi decidido que, quando nos referimos à violência no trabalho, trataremos de um conceito muito amplo e que inclui violência, mas também assédio e a situação de pessoas que não se sintam confortáveis no emprego por algum tipo de ameaça", explicou.

Em Hollywood, em administrações públicas, nos esportes, na ONU e em dezenas de setores, mulheres vem denunciando casos de abusos sexuais por parte de companheiros de trabalho e chefes.

"O que tem ocorrido ultimamente revela que o lugar de trabalho pode ser bem hostil para as mulheres", indicou Ryder. "Todos sabíamos, mas acredito que seja bom que todos estejamos comprometidos em resolver essa situação", completou.

Os termos do acordo ainda terão de ser debatidos, assim como as obrigações do estado e dos empregadores.